

RELATO DE VIAGEM

UMA VIAGEM IMPREVISTA

O chapéu de meu avô

Por Gislaine Buosi

Um dia nossa casa amanheceu triste, a TV permaneceu em silêncio. Enquanto meus pais choramingavam, ajeitando roupas para viajarmos, eu soube que meu avô havia morrido. Eles me disseram que meu avô estivera acamado, que já não ia à igreja, nem ao banco; ultimamente ele só ordenhava as cabras.

— Leva roupa de frio... As noites na fazenda são geladas!, minha mãe recomendou.

Uma viagem imprevista. Faltei à aula, em pleno dia de prova. Não fui ao cinema, como estava combinado.

Sempre fazíamos a viagem – de Botucatu à Ribeirão Preto- em, no máximo, três horas. Aquela, levou cinco. Pneu furado – oh, não!, animais na pista – puxa vida!... Ao longo do caminho, lembrei que meu avô, há tempos, havia me prometido que o chapéu dele, um dia, seria meu. Naquele instante, perguntei a meu pai se ainda estávamos muito longe de Ribeirão Preto. “E se algum parente, que também quisesse para si o chapéu, chegasse antes de mim?” – foi o que pensei.

Chegamos à fazenda, havia uma infinidade de pessoas ao redor de minha avó. Olhei para a urna, a calva branca do defunto estava à mostra – que alívio: o chapéu estaria em algum canto da casa. Procurei-o por toda a parte. Não o achei. Perguntei a minha avó pelo chapéu, e ela me respondeu:

— Ah... esses dias pra trás deu um vento... levou o chapéu do seu avô... as cabras acabaram mastigando o chapéu.

Tsc... quantos imprevistos num único dia...